

Filosofia na Educação e o Desenvolvimento Cognitivo

Garcia Lucas, Luis Felipe

1337452

Resumo

Primeiramente, é muito importante descartar que todo o texto abaixo, principalmente o tópico 4, mostra um processo evolutivo do homem, no tópico de número 1, apresentamos os pensadores Jean Piaget e Erik Erikson, ambos psicanalistas, e focados no desenvolvimento cognitivo, mas com obras que mostram um desenvolvimento de ângulos diferentes, se complementando, no primeiro podemos ver a influência da formação exterior da criança de acordo com a formação interna, já o segundo nos apresenta o inverso, o interno se adaptando ao externo, podemos ver ambas como uma somente, se complementando. Após isto adentramos mais ao campo filosófico, apresentando rapidamente alguns períodos históricos e filosóficos, focando no homem de cada época, depois finalmente tivemos o encontro da filosofia na educação, neste ponto falamos sobre a formação ideal do homem, de acordo com tipos de ensinamentos, e como são importantes ou destrutivos para o homem, e a educação deve saber equilibra-los para dar forma ao homem virtuoso contemporâneo. Ao fim, no tópico 5, ilustramos o homem virtuoso a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche, mostrando sua concepção de homem rebanho e super-homem rapidamente, e os introduzindo dentro da discussão dos extremos educacionais.

Palavras-chave: Desenvolvimento, crítico, mecanizado, virtuoso.

Introdução

Segue-se o texto abaixo, retratando, como uma necessidade, o ensino reflexivo, de todas as matérias didáticas. Vendo como o ponto de partida para este desenvolvimento se dá na filosofia, mas, quando está é ensinada a jovens, a partir dos 12 anos de idade, não somente restrita a classes superiores. O decorrer deste trabalho, tem seu objetivo mostrar o benefício de um ensino equilibrado, embasando-se principalmente no desenvolvimento cognitivo do homem, e a influencia de uma educação coerente neste processo.

No primeiro tópico, intitulado **Desenvolvimento Cognitivo**, há uma rápida resenha sobre este processo, dando um destaque a dois autores, estes no qual suas teorias são usadas como referência, e também citadas, autores estes que são **Jean Piaget**, psicanalista, e **Erik Erikson**, psicanalista. Após o processo no qual apresenta-se ambos, tem uma momento que se dedica a suas teorias sobre o processo de desenvolvimento social, da infância a velhice, porém, para a abro abaixo, os momentos de maior relevância, são onde se fala do período chamado a grosso modo de pré-adolescência, ditos por ambos os autores, como começando a partir dos 11/12 anos, período este que seria deveras proveitoso para a filosofia.

Ao chegarmos ao segundo tópico, para entender o caráter pedagógico da filosofia, sua influencia na formação do homem, e como ela está, mesmo que não pareça, dentro de todas as matérias. O autor decidiu fazer uma rápida passagem pelos períodos históricos da filosofia, o mesmo decidiu por em cada período destacar dois filósofos, ou corrente filosofia, para demonstrar conceitos anteriores que até hoje nos são atuais, e propensos a discussões. Outro ponto importante deste tópico é o conceito de virtude e formação do homem social.

Já ao terceiro tópico, tem uma parte um tanto quanto menor, se comparada as outras, porém de importância tão grande quanto as demais, pois, ele é o que faz a ligação de todo o aparato teórico e histórico antes citado, e o coloca junto ao objetivo que o autor tentou alcançar.

Estamos agora no quarto tópico, neste momento, tudo antes tratado ganha sua forma, baseada em duas concepções de ensino, **crítico** e **mecanizado**, relatando como ambos são extremamente importantes para o crescer intelectual da criança, sua característica filosófica, junto a necessidade, para uma boa formação de ambos, o uso da filosofia neles, caso contrário, eles se distorcem, caindo no extremismo, se chamando **solipsismo** e **alienação**, conceitos estes que foram combatidos pela filosofia anterior, e que hoje devem continuar a serem expurgados do nosso ensino.

Perto do fim, para maior facilidade de expressar o conceito do homem socialmente e educacionalmente bem estruturado, usa-se a obra de Friedrich Nietzsche, falando do seu conceito sobre o **homem rebanho** e o **super-homem**.

Filosofia na Educação e o Desenvolvimento Cognitivo

1. Fundamentação Teórica

Primeiramente temos que entender o homem no seu todo, fazer isto é equivocar-se, é como ter uma equação de três partes e na primeira você já concluir o resultado das demais, o ser humano é assim, composto por três pontos, Espírito, Alma e Corpo, três pontos de que formam o homem como um ser racional.

Como sabemos a filosofia evoluiu gradativamente com o tempo, e nesta surgiram vários pensadores com grandes ideias que revolucionaram a ideia de filosofia e sociedade, tais como Sócrates, Platão, Agostinho, Tomas de Aquino, Rousseau, Karl Marx e tantos outros, e todos com pensamentos, em períodos, em circunstâncias distintas que levaram a modos de analisar o homem-social de maneira diferente, mas todas com um ponto em comum, a busca pela verdade, (tratamos aqui a verdade como um fator comum, determinante, para o bom convívio e desenvolvimento humano), a filosofia busca a verdade que traz a felicidade ao homem (a felicidade como o sumo bem, ou seja, aquilo que preenche o homem, não somente uma sensação), vemos isto em várias obras na qual tentaram criar, através de seus textos, um perfil correto de como o homem é ou como deve ser, sendo assim, este que seguir esta ideia alcançará um patamar de satisfação maior, como exemplo vemos o livro “O Príncipe” de Maquiavel (1469 - 1527) publicado em 1513, ou o contratualismo – corrente com grandes filósofos como Thomas Hobbe (1588 – 1679) e Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), e tantas outras, mas todas com o objetivo de achar a verdade por traz do homem, sendo no ponto político-social ou pessoal.

Hoje, dentro das nossas escolas, estamos cometendo o mesmo erro, ensinando apenas textos antigos, e isso não está nem um pouco errado, pois, termos o conhecimento da história da filosofia é muito importante, ela é rica e grandiosa, mas não podemos focar em criar historiadores da filosofia, mas filósofos dentro da nossas sociedades, homens e mulheres que buscam fazer a diferença, que buscam usar o pensamento crítico para evoluir a sociedade, não refletir a sociedade antiga nos tempos atuais, agora o que precisamos não é de historiadores mas de filósofos, e buscar trazer a eles não somente a cultura filosófica mas a técnica filosofia, não vendo só um ponto mas tudo que está por traz deste ponto.

Portanto, pretendemos apresentar como a problematização neste texto, que por muito a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo do ser humano, não somente a escolar, mas também dentro de casa, porém para este momento lidaremos apenas com a escolar. Temos por objetivo apresentar como essa influencia se da dentro do meio cognitivo, através de pesquisas realizada por psiquiatras, posteriormente apresentar um parâmetro com viés mais histórico desta relação, e por fim falar, com uma visão

contemporânea, da influência da filosofia dentro do meio de ensino, como ela faz parte do pensamento crítico, mas também do pensamento mecanizado, com ressalva que este é apenas um nome para o estilo de pensamento que necessita de uma fórmula base. Sendo assim, a pergunta que nos move dentro deste pequeno texto é “Qual é a relação da Filosofia com o bom desenvolvimento cognitivo?”.

1.1 Metodologia

No decorrer deste trabalho, tem-se o foco principal em pesquisas bibliográficas, como as citadas nas referências, como meio de estruturar uma teoria consistente sobre pontos como o desenvolvimento cognitivo, período histórico e a discussão o tema em si, no tópico 5, para alguns pontos, usou-se de pesquisa e observação na convivência de jovens, a partir dos 12 anos em seguinte.

No segundo tópico decidimos tratar de maneira rápida os trabalhos dos psicanalistas Jean Piaget e Erik Erikson, amparamos de forma rápida um resumo da vida de cada um até o momento em que começam a desenvolver suas teorias, pois, vê-se que para entendermos a teoria do autor, é de extrema importância entender como o mesmo vivia. Logo após isto, fomos direto aos pontos da teoria de cada um dos autores, não visando uma explicação minuciosa de cada parte de sua teoria, mas sim, colocando em destaque a etapa em que abrange o foco do trabalho, ou seja, o desenvolvimento a partir dos 12 anos, porém, é muito importante ressaltar que estas teorias são longas e ricas em conteúdo e informações, todo seu contexto foi amparado, mas somente duas etapas tiveram um destaque, por necessidade.

No terceiro ponto o desenvolvimento do tema, esta que talvez seria a de maior extensão do trabalho, pode ser também a que nos trás uma maior facilidade para o entendimento dos tópicos anteriores, tentando nos trazer uma resposta a questão “ **qual o dever da filosofia na educação?**”, esta que foi um dos motores para a escolha do tema. Com um amparo totalmente bibliográfico podemos chegar a uma resposta, porém, a filosofia não é uma formadora somente de resposta, mas de pensamentos reflexivos, e com isso, neste mesmo texto outros questionamentos se abrem para que possamos continuar a trabalhar e refletir sobre tal tema.

O quarto tópico nos trouxe um capítulo um tanto quanto curto, mas, é ele que vai nos trazer uma análise e tentativa de uma resposta concreta e satisfatória, juntamente com a já proposta do tópico três. Podemos ver este tópico como um resumo reflexivo antes conversado, um convite ao próximo tópico.

Por fim, no penúltimo tópico, trataremos de uma total reflexão, baseada em observações, realizadas no meio social e educacional do autor, juntamente a teorias já antes, tratadas por outros autores. Neste momento, poderíamos dizer que este capítulo é o ponto chave e conclusivo daquilo que conversamos anteriormente, pois tudo antes retratado foi para que este ganhasse forma e contexto, pois, só ganhará forma se entendermos que a filosofia não está somente na matéria “filosofia”, ela está em todas as outras matérias, tudo precisa de um reflexão crítica, moral, até mesmo o mais abstrato precisa ser levado a aplicação do real, caso contrário, não passaria de contos, pois até mesmo a própria abstração deriva de um concreto real, caso contrário, não haveria apoio na sua formação. Entendendo que este trabalho se dedica totalmente ao uso da filosofia de modo a criar o pensamento filosófico real juntamente com o histórico, porém este fica em segunda área, apenas como suporte intelectual.

Como isto chegamos ao último tópico, este que seria agora uma definição do homem formado com o pensamento filosófico e outros com alienação. Para uma boa forma neste momento, utilizou-se de alguns conceitos da filosofia política, juntamente a um autor aqui já falado Friedrich Nietzsche, apenas como uma forma de exemplificar o discurso do tópico anterior.

2. Desenvolvimento Cognitivo

Uma dificuldade grande nos dias atuais, visando o foco na educação, é a transmissão de conhecimento juntamente a assimilação deste conhecimento, realizada de professor, inegável transmissor, para aluno, atual mente assimiladora do conteúdo recebido. Isto é como uma corda bamba para os profissionais, o uso de uma palavra ou ideologia errada pode acarretar em um efeito dominó tão grande, que poderia vir a destruir a carreira do mesmo.

Por conta do medo e da dificuldade enfrentada pelos professores, do uso que algo “pedagogicamente incorreto”, tende uma grande dificuldade de se apresentar um conteúdo realmente satisfatório aos alunos, conteúdo que visa o desenvolvimento cognitivo autônomo e crítico, em medida e quantidade necessária, para que não vire um solipsismo.

Olhando essa necessidade do professor e aluno, vemos a importância da filosofia no meio educacional, esta que não deveria ficar restrita somente ao ensino superior ou médio, mas também seria de grande proveito se estivesse no meio do fundamental, visando que quando falasse de fundamental, está focando em crianças a partir dos 12 anos de idade.

Uma criança, de 12 anos, pode não ter autonomia no seu meio financeiro, porém ela já detém autonomia cognitiva elevada, com forte entendimento do mundo ao seu redor, claro que não há como negar que, a mesma ao ver o mundo o relaciona com o fantástico e o imaginário, porém isto não anula o seu poder de reconhecimento e assimilação.

Alguns psicólogos, como Erik Erikson (1902 – 1994) e Jean Piaget (1896 – 1980), estes os quais usaremos de suas teorias, Desenvolvimento Psicossocial de Erik e O Desenvolvimento da Inteligência de Jean. Ambos os psicólogos produziram extensas obras focando o entendimento do desenvolver cognitivo das crianças, em todas as fases, o primeiro mostrando como a sociedade influencia esta formação, já o segundo mostrando como se desenvolve/constrói o conhecimento.

Neste crucial período, a tão famigerada pré-adolescência, como mostram nos escritos dos autores citados acima, tem um papel de muita importância nos jovens, pois, é na mesma que ambos começam a se encontrar com seu “eu” social, desenvolvem dúvidas pessoais, opiniões, saem do pensamento abstrato e vão para um caminho mais racional, e tudo isto com a faixa de 12 anos em seguinte.

Porém, tendo em mente este pensamento, qual o papel da escola e da educação neste processo tão importante, pois bem, a escola é o primeiro convívio realmente social que uma criança tem, e a educação é a primeira visão do “mundo real” que lhes são apresentadas, não as imagens fantasiosas dos desenhos animados, mas fatos realísticos que compõe nosso campo histórico, a educação é a porta para a vida.

Onde em tudo isto que conversamos até agora se encaixa a filosofia? Esta seria, para alguns, uma matéria que não a uma necessidade de ser ensinada neste período de vida, mas porquê? A filosofia, em sua mais profunda essência nada mais é do que um questionamento da vida, um anseio de saber o motivo de tal coisa acontecer, pois então, porque devemos privar as crianças deste tipo de ensino, de confronto, ora pois, não são as crianças que nos trazem os maiores questionamentos? Quem melhor para perguntar do que uma criança? O filósofo Matthew Lipman (1923 – 2010) em sua obra **A Filosofia vai à Escola**, de 1990, retrata bem, este pensar, nos trazendo boas referências e conceitos reflexivos a educação filosófica, por isto mais a frente falaremos mais sobre ele e sua obra.

Pensando e analisando estes autores, e seus meios de pensamento, chegamos a uma conclusão sobre como a nosso sistema educacional atual tem influenciado nossas crianças em seu desenvolvimento intelectual, e com isto pudemos enxergar que há dois tipos de pensamentos correndo no nosso meio, estes que muitas vezes se misturam, e se atrapalham, ou são levados ao extremo por certos educadores, distorcendo e atrapalhando nossa futura geração, estes pensamentos são chamados de **ensinamento crítico e ensinamento mecânico**.

Primeiramente temos que entender que ambos os meios de transmitir ensino são úteis, uma não anula o outro, pelo contrário, eles se completam, quando são aplicados nas matérias, e quantidades corretas, sem influências pessoais, mas aplicadas para que as crianças possam criar seus critérios de dúvida.

Primeiramente, para entendermos este raciocínio precisamos compreender as obras citadas antes, pelos psicólogos Erik Erikson e Jean Piaget.

2.1 Jean Piaget, a Epistemologia Genética e o Desenvolvimento Cognitivo

Jean Piaget, um prodígio sem igual, sueco, nascido em 9 de agosto de 1896 em Neuchâtel, era biólogo, filósofo e psicólogo, desde bem jovem era muito focado nos estudos, pois aos 11 anos já havia publicado seu primeiro artigo.

Para compreendermos bem sua obra, é necessário que passemos rapidamente por alguns pontos de sua vida acadêmica.

Aos 19 anos se formou em Ciências Naturais e Filosofia, aos 22 finalizou seu doutorado em biologia e aos 23 anos foi viver na França, lá onde estudou sobre psicopatologia, lógica, epistemologia e filosofia da ciência. Veremos que em algum momento desta vida ele se deparou com as obras de Charles Darwin (1809 – 1882), um naturalista, responsável pela obra e teoria do evolucionismo, tese de que o homem está em constante evolução, física e cognitiva.

Jean Piaget, após ir morar na França foi trabalhar com o psicólogo francês Alfred Binet (1857 – 1911), lá começou seus estudos sobre o desenvolvimento do conhecimento, influenciado, pela obra de Darwin misturada aos seus estudos psicológicos e uma pergunta, “como o ser vivo consegue adaptar-se ao meio ambiente?”, ele formou sua teoria da Epistemologia Genética, que até hoje nos é referência em processo cognitivo e desenvolvimento intelectual.

O que é a Epistemologia Genética?

Ela se baseia no conhecimento científico (epistemologia) e em sua gênese. O psicólogo, quando trabalhava com Binet e Simon, realizaram um trabalho com crianças, de como medir sua inteligência, com isto um sistema de perguntas era realizado, ao ouvir como elas eram respondidas pelas crianças, Jean começou a perceber que em certas faixas etárias algumas cometiam os mesmos erros, quase como se fosse um processo mecanizado, naquele estágio aquilo era normal.

Observando assim, que havia um processo, quase como uma lei natural, ele passou a estudar mais profundamente como isto se dava, como elas chegavam a aquelas respostas iguais, mesmo sem conhecerem umas as outras, como esta atitude ele chegou a conclusão de que, “a criança possui uma lógica de funcionamento mental que difere qualitativamente da lógica do funcionamento mental do adulto” (Davis; Oliveira, 1994, p.37).

As crianças tendo um processo mental diferente ao adulto, este que ia mudando e se adaptando com o tempo de acordo com o meio social a qual vive,

adquirindo por fim uma lógica mais centrada no âmbito social, percebesse que há então um processo até chegar a esta adaptação, ou evolução cognitiva, este que seria o desenvolvimento do conhecimento, cabe ressaltar que Jean não alega que as crianças são tolas, mas que apenas sua inteligência é diferente da dos homens adultos, pois para o autor “o conhecimento não é uma cópia, mais uma integração em uma estrutura mental pré-existente que, ao mesmo tempo, vai ser mais ou menos modificada por esta integração” (Carvalho, Durlei, Professor da UNESP).

Como a descoberta do processo de desenvolvimento e adaptação do conhecimento, Piaget diz para que isto ocorra de maneira correta é necessário que haja equilíbrio no processo, ou seja, enquanto ocorre a adaptação, o indivíduo e o meio em que esta tem que ficar em harmonia, o nosso próprio organismo busca tal harmonia, este é o pilar da teoria de Jean Piaget. Caso haja o desequilíbrio, é necessário que tenha assimilação e acomodação.

A assimilação para Piaget é “uma estruturação por incorporação da realidade exterior formas devidas à atividade do sujeito” (Costa, 2003, p.13). Acomodação “é a combinação de esquemas ou modificações de esquemas para resolver problemas que venham de experiências novas dentro do ambiente” (Costa, 2003, p. 13).

Com estes pontos entendemos as bases desta teoria, agora podemos adentra-la mais a fundo, vamos entender que Piaget percebe que este equilíbrio era estruturado por fases, estas com idades distintas, que com o seu caminhar definem o processo cognitivo das pessoas, os processos são denominados: **sensorio-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 aos 6/7 anos), operacional concreto (6/7 a 11/12 anos) e operacional formal (11/12/ anos em diante).**



(Imagem 1. Processo evolutivo do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget. Fonte: educandoamanha.blogspot.com, 2016).

Cada estágio do desenvolvimento cognitivo não deve ser pensado isoladamente, pelo contrário, são todos sequenciais e complementares.

Durlei cita os critérios usados por Piaget:

- 1) Todo estágio tem de ser integrador, ou seja, as estruturas elaboradas em determinada etapa devem tornar-se parte integrante das estruturas das etapas seguintes;
- 2) Um estágio corresponde a uma estrutura de conjunto que se caracteriza por suas leis de totalidade e não pela justaposição de propriedades estranhas umas às outras;
- 3) Um estágio compreende, ao mesmo tempo, um nível de preparação e um nível de acabamento;
- 4) É preciso distinguir, em sequência de estágios, o processo de formação ou gênese e as formas de equilíbrio final.

(Piaget, citado por Durlei.)

Por seguinte vamos analisar estes períodos classificados por Piaget.

2.1.1 Estádio da Inteligência Sensório-Motora (0 a 2 anos)

“Representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança” (Piaget, 2004, p. 17).

Este é o primeiro, e por consequência o mais marcante na vida da criança, se trata do primeiro contato, físico, emocional, social, do indivíduo, é marcado por essa intensa primeira impressão e descobrimento, o tato e o paladar tem um impacto imenso nesse estágio, pois é principalmente com eles que o mundo ganha forma e sabor. Este momento, por ser tão importante, foi dividido em seis subestádios marcados pela iniciação deles no mundo.

1º subestádio (1 mês): Aqui ocorrem os primeiros reflexos, ações espontâneas.

2º subestádio (1 mês a 4 meses e meio): Ocorrem os primeiros hábitos, seguidos pelos primeiros desequilíbrios, sendo a porta para as primeiras mudanças e conseqüentemente as acomodações.

3º subestádio (4 meses a 8/9 meses): Primeiras ideias sobre os fins de dado objeto, ou seja, adaptação com o ambiente a sua volta e como tal objeto se realiza no mesmo.

4º subestádio (8/9 meses a 11/12 meses): Adaptação aos fins dos objetos, porém os alcançando de maneiras secundárias.

5º subestádio (11/12 meses a 18 meses): Busca por novidades, sendo a maneira encontrada para isso a repetição de movimentos realizados pelas pessoas ao seu redor, imitando.

6º subestádio (18 meses a 24 meses): Aqui já ocorre um processo mais interno, a criança atinge um ponto em que se desenvolve mais profundamente e começa a representar o mundo ao seu redor com imagens e símbolos, os processando mentalmente.

2.1.2 Estádio Pré-Operatório ou Simbólico (2 a 6/7 anos)

Aqui é onde a criança, após sua passagem pela construção material do mundo, começa a olhar e pensar o mundo de forma representativa. Agora ela já pode “reconstruir suas ações passadas sob a forma de narrativas, de antecipar suas ações futuras pela representação verbal” (Piaget, 2004, p. 24), ela já detém em si certa autônoma cognitiva baseada em suas poucas experiências, por meio destas criando símbolos, representações e assim abrindo seu pensamento para uma nova noção de realidade, ainda dentro da fantasia possível.

Uma característica fundamental deste estágio é o egocentrismo no qual a criança se encontra. De acordo com Piaget o momento da passagem do sensorio-motor para o pré-operatório é com a imitação, representar um modelo, a representação criada pela mesma, começa a tomar forma e virar um substituto para a percepção de antes, porém a criança não enxerga o mundo de uma maneira lógica ou racional, mas sim de maneira baseada em suas experiências que foram baseadas em sua representação, sendo assim para ela o mundo acabada girando ao seu redor.

Por conta disto vieram os “porquês”, juntamente o desenvolvimento das fala e juntos a socialização.

....Daí resultam três consequências essenciais para o desenvolvimento mental: uma possível troca entre os indivíduos, ou seja, o início da socialização da ação; uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e o sistema de signos, e, finalmente, uma interiorização da ação como tal, que puramente perceptiva e motora que era até então, pode daí em diante se reconstruir no plano intuitivo das imagens e das “experiências mentais.

(Piaget, 2004, p.24)

Por fim entendemos que este estágio é o processo de mudança, no qual o principal meio de desenvolvimento cognitivo passar a ser o simbolismo, um processo mais cognitivo e ficado no trabalho mental, juntamente com o diálogo, e o descobrimento de uma sociedade e cultura a sua volta, mas todo esse processo continua a se passar na mente da criança totalmente despercebido, sendo apenas uma fase necessária para o próximo estágio.

2.1.3 Estádio Operacional Concreto (6/7 aos 11/12 anos)

Se no estágio anterior a concepção de real da criança ficava encasulada dentro do egocentrismo e da imitação, neste processo este casulo se rompe, e abre a mente para o pensamento lógico e racional, este que a criança ainda não havia adquirido totalmente.

Agora seus pensamentos, opiniões e ações passam a ter um conteúdo mais racional, buscando um objetivo completo para tal argumento ou claro para tal ação, o reconhecimento de conceitos como volume, peso, tempo e velocidade começam a criar respostas e dúvidas nas mentes em desenvolvimento.

...Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança, depois dos sete anos, torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com os dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. Isto é visível na linguagem entre as crianças. As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procurando justificações ou provas para a afirmação própria. As explicações mútuas entre as crianças se desenvolvem no plano do pensamento e não somente no da ação material. A linguagem “egocêntrica” desaparece quase totalmente e os propósitos espontâneos da criança testemunham, pela própria estrutura gramatical, a necessidade de conexão entre as ideias e de justificação lógica.

(Piaget, 2004, p. 41).

Podemos entender, pelas próprias palavras de Piaget, que o caminho percorrido pela criança até aqui, foi, nada mais, de uma busca pelo pleno conhecimento. A criança começa a interpretar e analisar o mundo, se puxarmos um pouco a ideia de Darwin de como o ser humano evoluiu, podemos perceber que a criança passa por uma evolução mental, vindo do zero até um desenvolvimento totalmente racional, porém este é um processo que se inicia,

para Piaget, dos 7 anos e se estende pelo resto da vida, porém o estágio operacional concreto é como uma porta de entrada para o pressuposto racional, um desenvolvimento interior da criança, mas está criança continua atrelada ao pensamento concreto sobre o objeto, ele como ele e só ele, uma restrita manipulação concreta.

2.1.4 Estádio Operacional Formal (11/12 anos para frente)

Este é o último estágio da teoria de Piaget, e para nosso estudo a de maior relevância, pois vai abranger o período mais “dramático” da vida do ser humano, a adolescência e juntamente a desassociação do objeto somente sendo algo concreto, assim desenvolvimento o pensamento hipotético-dedutivo, juntamente a novas finalidades e fins para os objetos.

Para melhor entendimento deste pensamento:

...Raciocinar logicamente mesmo que se o conteúdo do seu raciocínio é falso. Por exemplo, é possível combinar com duas crianças de idades diferentes, uma no período operatório-concreto e a outra no período operatória formal, que a figura de uma coruja desenhada em um papel recebera o nome de “cavalo”. A seguir, pede-se a elas que identifiquem oralmente qual é o nome de um animal de porte grande, que come capim e transporta pessoas ou coisas. A criança do período operatório-concreto irá ignorar o que foi anteriormente combinado e dirá que o nome do animal proposto é cavalo. Já a mais velha, que já apresenta um pensamento operatório formal, irá afirmar que o animal em questão poderia receber qualquer nome, à exceção de cavalo, uma vez que, por definição (e não concretamente), “cavalo” é o nome que, por situação, se convencionou dar à coruja.

(Davis; Oliveira, 1994, p. 44-45)

Com base nos escritos de Davis e Oliveira podemos entender mais facilmente como se dá este processo dentro da mentalidade do jovem. Ele agora não é mais preso ao concreto, seus olhos e mente não estão presos a um único jeito, pelo contrário, agora com o pensamento hipotético-dedutivo há vários caminhos possíveis para se alcançar o objetivo daquele objeto.

As operações lógicas começam a ser transportadas do plano da manipulação concreta para o das ideias, expressas em linguagem qualquer (palavras ou de símbolos matemáticos, etc...), mas sem o apoio da percepção, da experiência, nem mesmo da crença

(Piaget, 2004, p. 59)

Este estágio é o de maior filosofia, a mais pura e essencial de todas, que o ser humano alcança em toda sua vida, quando ele pensa por si, e aprende com o outro, sai de um casulo no qual lhe é natural, a do pensamento concreto, sem contexto ou hipóteses. Mas agora, ele alcança algo maior, a razão, passa a utilizar dela para analisar hipóteses, afirmações e pensamentos.

Neste estágio a mente é como um jardim em que várias flores irão florescer, mas para isso é necessário de algo que a adube, e isto é a filosofia. Cabe ressaltar que o processo de desenvolvimento cognitivo não para nesta fase, mas se estende pelo resto da vida.

Este momento é, como escreve Platão, quando saímos da caverna, olhamos o sol da razão, por conta deste momento tão crucial a filosofia é necessário para crianças a partir dos 11/12 anos, precisam ser incentivadas a pensar, e qual a melhor matéria a se fazer isso, se não aquela que pensa em todas as outras.

Esta foi a teoria trazida a nós pelo psicólogo Jean Piaget, mostrando como o processo de desenvolvimento da inteligência se dá no decorrer dos primeiros estágios da vida. A seguir veremos a teoria de Erik Erikson, psicólogo, de como se dá o mesmo processo, porém agora influenciado, pois é o foco maior do autor, pelo meio sociocultural no qual a criança vive.

Tabela 1 - Descrição dos estágios do desenvolvimento cognitivo.

Fonte: (Piaget, 1967).

Estágio	Faixa etária	Características
Sensório-motor	0 - 2 anos	Evolução da percepção e motricidade
Pré-operatório	2 - 7 anos	Interiorização dos esquemas de ação, surgimento da linguagem do simbolismo e da imitação deferida.
Operatório Concreto	7 - 11 anos	Construção e descentração cognitiva; compreensão da reversibilidade sem coordenação da mesma; classificação, seriação e compensação simples
Operatório Formal	Acima de 11 anos	Desenvolvimento das operações lógicas matemáticas e infralógicas, da compensação complexa (razão) e da probabilidade (indução de leis)

(Imagem 2. Descrição dos estágios. Fonte: educandoamanha.blogspot.com, 2016)

2.2 Erikson e o Desenvolvimento Psicossocial

Agora vamos conhecer um pouco sobre Erik, para entendermos melhor sua teoria precisamos entender como ela se deu a ele, quais momentos se passaram com o mesmo quando a desenvolveu, e o que o influenciou.

Erik Erikson nasceu na Alemanha, no dia 15 de junho de 1902. Teve sua rebelde adolescência, se focando principalmente na área das artes, como

escultor, e sem foco em Universidades, porém aos 24-25 anos, chegando a idade adulta, na cidade de Karlsruhe, começou a lesionar sobre artes.

No decorrer de sua adolescência, Erik passou por um momento ao qual trata fortemente em seus escritos, uma crise de identidade, não sabendo se era judeu, por conta de sua mãe ser judia, ou se era gentio, pois vivia em meio aos gentios. Tais pensamentos lhe geraram muitas confusões mentais, dúvidas e incertezas, por conta isto, futuramente, irá colocar este assunto fortemente em sua obra, como a cultura influenciou seu desenvolvimento cognitivo.

No ano de 1927 uniu-se ao grupo de Sigmund Freud (1856 – 1939). Lá, junto a Ana Freud, filha mais nova de Freud, começou a observar as pesquisas da psicanálise, e se interessar pelo assunto.

Conforme observava as brincadeiras das crianças, o modo com brincavam e interagiam, misturados ao seu passado e relações, Erik teve sua epifania, descobrindo como poderia analisar o desenvolvimento infantil baseado em suas escolhas e atitudes, e como o seu meio social viria a influenciar este desenvolvimento, gerando evoluções, porém, junto a isto, também viriam conflitos de personalidades, estes conflitos que dão nome a cada etapa de desenvolvimento.

Em 1933, vendo uma grande oportunidade, já que via seu atual lar como somente um lar adotivo, mudou-se para Boston, nos Estados Unidos da América. Agora formado pelo Instituto de Psicanálise de Viena e morando nos EUA, focou em trabalhar com psicanálise infantil, dentro do Instituto de Medicina em Harvard.

Com o decorrer de sua vida, Erik, viveu e analisou, juntamente com seus estudos sobre cada fase das crianças, as fases adultas também, e as classificou em oito etapas, sendo elas todas dicotomias, progressão ou regressão. Erik escreve que tudo que cresce tem um plano básico, um tempo de ascensão, até que fique completo.

As oitos etapas são chamadas de: 1) **Oral-sensorial: confiança básica x desconfiança básica;** 2) **Muscular-anal: autonomia x vergonha e dúvida;** 3) **Locomotora-genital: iniciativa x culpa;** 4) **Latência: indústria x inferioridade;** 5) **Puberdade e adolescência: identidade x confusão de papéis;** 6) **Adulto jovem: intimidade x isolamento;** 7) **Meia-idade: produtividade x estagnação;** 8) **Velhice: integridade do ego x desesperança.**



(Oito etapas do processo de Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson. Fonte: marianamiranda16.wordpress.com, 2016).

A seguir vamos estudar um pouco sobre cada uma destes processos.

2.2.1 Oral-Sensorial: Confiança Básica x Desconfiança Básica

Este primeiro processo tem como principal característica a formação teórica do mundo, para a criança, baseada em seus sentimentos e experiências com o próximo.

Nesta etapa a mãe tem uma importância gigantesca, pois é com ela que irá definir se a criança crescerá com o sentimento de confiança ou desconfiança. Se a mãe é atenta aos sinais da criança e atende as suas necessidades, como alimentação, desenvolverá na mesma um sentimento de esperança e confiança naquela pessoa alheia, porém, caso haja o descaso com esses sinais e suas necessidades fiquem abandonadas, o recém-nascido criará o sentimento de desilusão com outro ser, gerando uma desconfiança, um tanto “natural” do ser, o fazendo ser receoso, medroso e assustado “Confiança básica: baseada na qualidade de relação mãe-filho.” Porto, Ivalina, professora, Psicopedagogia do Adulto.

No entanto a mãe não é a única pessoa que pode influenciar neste desenvolvimento das crianças, todas as pessoas a sua volta, familiares próximos ou não, podem vir a gerar confiança ou desconfiança. Como dito no começo, aqui se inicia a concepção do que é o mundo, se o mesmo é um lugar de abandono, isso ficará cravado na mente da criança, mas caso seja ao contrário, também marcará a mesma. É de muita importância que nesta fase aconteça a confiança, pois a mesma refletirá na personalidade da criança, essa confiança dará a coragem para que o recém-nascido comece a agir por si mesmo.

“Importância da persistência, continuidade e uniformidade dos provedores do início da vida. A criança precisa aprender a confiar em si mesma e na capacidade de seus órgãos, para fazer frente às demandas do meio.”

(Porto, Ivalina, professora, Psicopedagogia do Adulto)

Uma característica muito importante desta etapa é o sistema oral, a boca, pois esta será o meio no qual o mundo ganhará forma, uma criança tem a forte mania de colocar tudo na boca, pela simples curiosidade.

A relação com a mãe refletirá na mente da criança uma imagem de como é a sociedade, indiretamente e inconscientemente, já o sistema oral dará a imagem do real e material.

2.2.2 Muscular-Anal: Autonomia x Vergonha e Dúvida

Iniciada pela luta por independência.

Nesta etapa a criança começa a descobrir o mundo através da interação, principalmente muscular, material, baseada na atividade de experimentação, juntamente a isto vem se desenvolver habilidades, tais como falar, agarrar, andar, entre outras. Estas habilidades vêm a ser o ponto chave para o desenvolvimento no qual Erik nos escreve.

O psicólogo nos informa que dentro do convívio social da criança, principalmente os pais. Caso haja o uso destas habilidades e um incentivo por parte dos adultos no seu uso, a criança vai desenvolver uma autonomia, autoconfiança, gerando uma melhor evolução da sua perspectiva pessoal e social.

No caso, sendo os responsáveis extremamente super protetores, restringindo as ações da criança, alegando que é para proteção da mesma, porém, em vez de falarem com calma, acabarem deferindo palavras no qual a limitam apenas em um ser inferior e sem potencial, isso gera dentro da criança um sentimento de dúvida pessoal, incerteza. Ela acaba duvidando de si mesma e do seu próprio potencial, atrapalhando seu desenvolvimento íntimo, com baixa autoestima e/ou paranoias, e social, tímida e temerosa com as outras pessoas.

Por conta disto, cabe aos responsáveis sim a protegerem, porém, sempre falando e ensinando com amor, nunca privando a criança de viver, mas ajudando a mesma a se desenvolver.

2.2.3 Locomotora-Genital: Iniciativa x Culpa

Agora que as crianças chegaram até aqui, em seu desenvolvimento, o fantástico irá tomar conta de suas imaginações.

As crianças na etapa locomotora-genital, tem como propósito, inconscientemente, buscar uma ambição pessoal, desenvolver quem elas serão no futuro. Com forte influência do imaginário, elas passam a sonhar, imitar e representar, principalmente aqueles mais perto dela, como a família. Há a identificação com aqueles do mesmo sexo, filha com mãe e filho com pai, estes por sua vez se tornam exemplos de concepções futuras, misturados ao fantasioso, como exemplo o filho que olha o pai como um super-herói ou a filha que vê a mãe com uma rainha. Isso provoca as crianças a pensarem e imaginarem.

Com estas representações, há também o desenvolvimento das iniciativas, pois, quando imitam, percebem que escolhas e atitudes, partindo delas mesmas, precisam ser tomadas, dando assim um desenvolvimento de responsabilidade moral para a criança, porém, há um limite para toda essa fantasia que ela pode viver, um limite moral e real. Determinar o momento de parar é com os pais, estes devem instruir, de maneira que a fantasia seja algo saudável e não um casulo para a criança, distorcendo sua realidade.

Os pais nunca devem proibir o processo imaginário, mas guia-lo e orienta-lo para que o desenvolvimento psicossocial seja o mais natural e proveitoso possível, caso contrário surgirá a culpa, com isso a decadência das fantasias, junto ao medo de realizar algo por si mesma. A criança começa a ver o adulto como o ditador de suas ações, e que só deve imitar aquele, ou nem aquele, isso gera uma perda da ambição pessoal de descobrimento futuro, a criança não buscar mais quem quer ser, mas fica restrita a doenças que a deixam vulneráveis a má formação psicossocial, tais como fobias, inibição, manifestações psicossomáticas entre outros.

Os pais são guias não guardas, eles devem ensinar e proteger, não proibir e assustar.

2.2.4 Latência: Indústria x Inferioridade

Abre-se o leque do desenvolvimento social escolar.

Aqui a criança expande seu mundo para a escola, onde colocará em prática aquilo que desenvolveu nas etapas anteriores, boas ou más.

Agora ela entra no mundo “industrial”, onde começa a ser vista como “trabalhador”, suas atitudes e escolhas não são mais baseadas na fantasia, que agora passa a ser substituída pelas atividades reais, a mesma agora deve ter capacidade de realizar coisas por si mesma, como estudar, calcular e ler, coisas que se desenvolveram com mais força dentro da escola.

Com a escola em sua grade social, a criança passa a olhar para o mundo mais socializado e industrializado, tendo que estudar, percebendo que não terá mais as coisas dadas aos pais, sente a necessidade de se esforçar, coisa que caso não faça não alcançará a aprovação dos adultos, gerando assim um sentimento de responsabilidade. Entendendo que precisa disto, deste empenho pessoal para se desenvolver, ela o faz, sendo assim, isso a torna industrializada, pois, passar a agir como “trabalhadora”.

Os pais, juntamente a professores, tem um papel fundamental aqui, o de incentivo, caso ela faça algo bom e seja elogiada, a criança buscará repetir os mesmos atos para que continue a ser bem tratada, mas caso ela se esforce e não tenha reconhecimento daquelas a sua volta, ao ver seu esforço desvalorizado, podem vir a surgir sentimentos de inferioridade, junto a eles a inércia e a inibição da criatividade.

Um importante fator nesta etapa é que agora há o trabalho em grupo, tem-se a necessidade de falar com outras pessoas que não estão em seu grupo social inicial, sendo assim, caso a criança tenha tido um bom desenvolvimento nas etapas anteriores, ela poderá ter mais facilidade em sua socialização, porém, caso não tenha tido um bom processo psicossocial, ela terá problemas.

2.2.5 Puberdade e Adolescência: Identidade x Confusão de Papéis

Chegamos agora na etapa do desenvolvimento psicossocial mais conturbado para o jovem, pois, este já não é mais uma criança que depende dos pais, porém também não é um adulto independente, é um adolescente.

Neste período um fator antigo volta, do terceiro estágio, a identidade e a busca por definir quem é e sua independência, mas agora não se utilizando da fantasia, mas sim de “ídolos”, figuras essas que variam desde artistas a pessoas ao seu redor. Podemos classificar os ídolos como todo aquele que provoca o sentimento de inspiração no outro. Esta idade é cheia de figuras, que variam no decorrer dos anos, passando para várias personagens este título.

Podemos classificar dois fatores de muita importância nesta idade que influenciam totalmente em sua personalidade e desenvolvimento psicossocial, estes são os **grupos sociais e o amadurecimento sexual**.

O primeiro fator, grupos sociais, também são chamados de amigos, estes têm uma forte influência na identidade social do jovem. Por conta da quinta etapa passar por vários anos, entrasse em contado com vários tipos de grupos sociais, bons ou ruins, nisto o jovem tem que escolher um para participar e conseguir sendo aceito neste mesmo, mas cada grupo contém requisitos mínimos estabelecidos, incondicionalmente, por seus líderes, então também acaba por ser necessário que haja também a adequação a esses requisitos.

Por conta dessa gama imensa de grupos e inúmeras etnias, o jovem tende a ficar numa confusão de papéis enorme, por querer as vezes se juntar a um grupo, mas esse grupo não o aceita por não ter o preceitos necessários, nisto o jovem procura os adquirir, saindo assim de sua personalidade, até aquele momento formada, gerando conflitos internos pessoais de identidade. Por fora possa parecer que ele está bem, mas em sua mente há uma bagunça e confusão que aos poucos o levam a ter problemas e doenças, tais como surtos psicóticos. Aqui se dá sua identidade social.

Enquanto há esta luta por ser aceito em uma “rodinha de amigos”, o jovem também passa pela descoberta e evolução do caráter sexual, este que agora está a flor da pele. As primeiras experiências com o sexo oposto, para muitos é nesta faixa que se dá a primeira relação sexual. Essas experiências têm forte impacto dentro desenvolvimento da personalidade pessoal do jovem, essas descobertas, boas ou ruins, são marcas que formam essa personalidade.

A nós cabe entender que, por conta deste período ser o de tais descobertas, os jovens não se colocam limites pessoais, mas agem da maneira que querem, simplesmente para poderem se auto afirmarem como pessoas independentes e com identidade própria.

Dentro deste estágio ocorre a formação da personalidade social e pessoal, esta ultima decorrer pela vida toda, por conta deste desenvolvimento ser muito influenciado pela sociedade e cultura atuais há a confusão de papéis, caso o jovem não consiga se firmar em sua personalidade, não conseguindo se firmar em nenhum grupo, o sentimento de isolamento, vazio e tristeza toma conta do adolescente, este que agora se entrega a delinquência, ficando preso no imaturo sem adotar um identidade social.

Nesta etapa cabe aos pais continuarem a serem os guias sociais dos jovens, muitas vezes os orientando e buscando entender o ponto de vista deles, pois, nesta idade o corpo começa a ter suas características moldadas como a dos adultos, porém suas mentes continuam imaturas. Os pais não devem esconder tudo dos jovens, mas ensina-los, esta fase é onde a formação moral e ética tomam forma dentro da personalidade do adolescente.

2.2.6 Adulto-Jovem: Intimidade x Isolamento

Agora estamos falando de adultos, por conta de todo o desenvolvimento anterior, sua personalidade e visão começa a ter uma forma mais sólida, por consequência não lhe perturba tanto.

O carrasco deste estágio se chama relacionamento, pessoal, amoroso ou profissional. Agora os problemas passam a ser preocupações na relação com o próximo, para termos uma ideia mais sólida, vamos usar como exemplo a relação amorosa, mas esta fase não é restrita a mesma.

Para se ter uma relação com um companheiro, tem-se a necessidade de uma interação social, uma aproximação, de uma ou ambas as partes, porém, para algumas pessoas existe uma dificuldade nesta aproximação, um medo de errar ou de passar vergonha, de uma rejeição, cria o sentimento de isolamento, pois nesta etapa, a pessoa deseja fundir sua personalidade, agora formada, com a do próximo, este anseio acaba por gerar juntamente o medo do outro não aceitar esta união, tendo uma personalidade totalmente diferente.

Há também os casos em que este isolamento ocorra após o término de uma relação, esta que possa ter tido um final turbulento e até traumatizante, isto cria no adulto um medo de que tudo se repita, por conta disto ele não busca ter outras relações, e fica em isolamento.

Esta dificuldade de relação social pode gerar problemas como: personalidade esquizoide, evitamento e discriminação.

2.2.7 Meia-Idade: Produtividade x Estagnação

Entramos agora no período mais longo da vida.

Erikson usa o termo “Generatividade”, isto é. “Generatividade, para Erikson, inclui casar, ter filhos e o sentimento de trabalhar produtiva e criativamente. Envolve ainda um certo altruísmo e o desejo de ajudar quem precisa.” (Verissimo, Ramiro, 2002, Psicologia Geral, p. 22)

De acordo com o professor Ramiro, ao escrever sobre esta etapa, Erikson vai destacar que agora o objetivo do adulto deve ser o de instruir e ajudar as demais pessoas, focando em atitudes nas quais, não somente ele, as outras pessoas tendem a se beneficiar. Atitudes estas como, ensinamentos e instrução as crianças, ajuda dentro de centros comunitários, entre outros. Esta é a fase do altruísta social.

Porém, como o autor nos mostrou em toda sua obra, há sempre dois caminhos, o homem pode acabar se tornando alguém egocêntrico, que não se importa com o próximo e apenas a própria felicidade é o que o importa, esta atitude acaba por ser um reflexo de uma má formação das fases anteriores, que falharam em tornar em tornar este ser humano em alguém social. Esta atitude egoísta pode gerar a crise de meia-idade e a invalidez prematura.

2.2.8. Velhice: Integridade do Ego x Desesperança

“A sua preocupação face à morte vira-se para a vida em si mesma.” (Erikson (citado por Ramiro, 2002), 1964: 133). Nesta etapa há uma contemplação pessoal, não tendo mais o que se desenvolver pessoalmente, só resta ao homem refletir sobre o seu passado, suas atitudes e decisões tomadas

Caso todo o processo passado pelo adulto, tenha gerado um desenvolvimento adequado, que mesmo com as dificuldades, em todos os estágios frutificou o bom desenvolvimento, ao se deparar agora com o fim da vida, o sentimento de satisfação lhe é imediato, e isto ele passa as crianças, lhes ensinando.

Sendo o desenvolvimento psicossocial, em qualquer das fases, acabando por frutificar o mal caminho, nesta fase ficará apenas a sensação de desesperança, pois acredita que já está velho demais para mudar a passada, tornando a pessoa amargurada e com uma desesperança pessoal, podendo até gerar um desprezo pelo próximo.

Problemas relacionados a esta fase são: alienação extrema e desesperança.

Terminamos aqui as teorias do desenvolvimento cognitivo e psicossocial de Jean Piaget e Erik Erikson, com eles podemos ter uma base para o decorrer do trabalho.

Vemos em ambos os autores ressaltarem que o período da adolescência é o mais confuso mentalmente e o que sofre maior influência externa, na área do desenvolvimento racional principalmente, por conta desta ideia, vamos conversar de “porque” a filosofia é importante nesta idade, do começo ao fim.

Para entendermos isto vamos entender o que é a filosofia, e o que é o pensamento filosófico.

3. O que é Filosofia na Formação do Homem?

Talvez você, caro leitor, possa ter lido esta pergunta em vários textos referentes a esta matéria, e sem dúvidas continuará a ver, pois a Filosofia é um “**conceito evolutivo**”, veremos que desde seu primórdio, na Grécia antiga, ela vem passando por todas as eras da humanidade, por consequência disso, em cada tempo, ela veio sendo interpretada de maneiras diferentes, dado um conceito diferente, porém sempre mantendo o seu objetivo principal, a busca pela verdade, no entanto, essa “verdade” buscada pela filosofia, veio sendo

alterada e interpretada de várias maneiras, referentes a quem a buscava, por conta disso, podemos ver vários conceitos diferentes da mesma,.

Para termos um entendimento melhor desse pensamento, vamos passar pelas eras da humanidade e respectivamente a eras da filosofia. É necessário que para que possamos entender o filósofo ao qual lemos, temos que compreender o conceito histórico, social, no qual o meio está inserido, pois a Filosofia buscará a verdade dentro daquela cultura específica em que está, alguns pensamentos, até hoje, são grandes ensinamentos e nos acarretam grandes interpretações, porém não podemos esquecer que ele foi pensado para aquele tempo, para aquelas pessoas. Por conta disto, dentro da história da filosofia, veremos que ela evoluirá de maneira a qual tentará, a cada nova interpretação, completar ou substituir um pensamento, antes inovador, agora ultrapassado, e esta atitude, pode ser chamada de “**evolução da filosofia**”, pensamentos que não se adequaram ao meio ambiente social atual, tendem a ser extintos, ou tem que adquirir meios de evoluírem e se adaptarem aquela “selva socio-intelectual”.

Iniciemos então está rápida passagem histórica pela filosofia, é importante ressaltar que são muitos autores dentro desse tempo, e por conta disto, usaremos apenas alguns, para ilustração e maior compreensão, porém cada um pode nos ensinar algo novo, por conta disto usaremos dois filósofos de cada época da filosofia.

3.1 Filosofia Antiga

Dentro do período da filosofia antiga, há duas categorias, está que são marcadas pela divisão do mito com a razão, dada pelo pensamento antropológico de Sócrates (470 a.C. á 399 a. C.). Sendo assim dividida em pré-socrático, com pensadores antes de Sócrates, e após Sócrates. Porém dentro destas duas categorias, há outras subdivisões, como o período cosmológico, antropológico, sistemático e helênico.

Vamos ver um pouco de cada agora:

3.1.1 Período Cosmológico

Um dos contextos dado a esta época, é a de que os mitos já não podiam suprir as dúvidas que o povo tinha, sobre o cosmos, a ética, a sociedade, o sobrenatural e o natural. Nesta necessidade e se buscar algo que poderia suprir esta ansiedade, nasce a Filosofia, traduzida como o amor à sabedoria, ou seja, a busca pelo verdadeiro conhecimento, este que antes era atribuído as divindades, passou a ser classificado como parte do physis, à natureza.

Tales de Mileto, não há datas exatas sobre o nascimento ou morte de Tales, porém acredita-se que viveu no século VII a.C. Além de filósofo era também matemático, pioneiro da filosofia, e fundador do pensamento physis (filosofia da natureza), e da Escola de Mileto. O próprio Tales nunca usou o conceito arché (princípio), porém foi a ele aderido por conta de iniciar o pensamento de “princípio” ou “aquilo que vieram e aquilo que voltarão”. O autor, não irá atribuir isto aos deuses, mas sim a um elemento natural, a água, está que teria um caráter divino, pois dela e para ela tudo voltará. Como exemplo ele se utiliza do sêmen, este que é “o começo do homem”, e é líquido, as plantas regadas tendem a estar sempre cheias de flores e frutos, porém, tanto o homem quanto as plantas, ao morrem, secam, ou secam e morrem, a água passou a ser o contador da vida.

Heráclito de Éfeso, viveu por volta do ano 540 a.C. a 470 a. C. Foi o primeiro a defender o Logos, conceito de uma existência ou lei que rege o cosmos. O filósofo tem que o mundo está em constante movimento, “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Dispersa-se e reúne-se; avança e se retira”. (Heráclito de Éfeso, citado por Borheim, 1998, p. 41). Esta frase lhe é a base de todo o seu pensamento, de que tudo está em movimento, nada para, por conta disso atribui o elemento fogo como arché. Nas palavras do próprio autor “o fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam as mercadorias por outro e o outro por mercadorias” (Heráclito de Éfeso, citado por Borheim, 1998, p. 41). Cabe lembrar que aqui, como com Tales, o fogo tem um caráter divino, uma representação ao movimento incansável do próprio fogo, este que a cada vez que queima, gera algo novo.

Com estes dois grandes e influentes pensadores, podemos já ter uma ideia de como se deu o começo da filosofia, de como ela buscou suprir a necessidade social de entender o cosmos, e que o mito já não podia conseguir suprir, sendo assim a natureza e a razão tomaram conta de suprir esta dúvida. Agora passaremos para o próximo período.

3.1.2 Período Antropológico

O comércio, quase com um instinto natural, é um dos principais meios no qual se dá a evolução social e política na sociedade, e naquela época não foi diferente, a Grécia estava passando por uma época de ouro. Juntamente a este desenvolvimento comercial, o social também veio com força, as pessoas começaram a se juntar e formar as Polis (cidades gregas), as demos, subunidades da sociedade Grega, e o desenvolvimento do teatro, com suas grandes obras, tragédia e comédia, estas que traziam uma forte influência na formação moral dos homens e provavelmente o palco da filosofia surgiu nesta época, a agora, praças públicas gregas, onde os cidadãos gregos podiam

expressar suas opiniões. Este período é datado do final do século V a.C. e vai até o século IV a.C.

Neste momento também há de surgir a democracia grega, que falaria de igualdade entre os cidadãos gregos, “lembrando que nem todas as pessoas dispunham desse status, restritos aos homens adultos, maiores de 18 ano, nascidos na Grécia e filhos de gregos” (Braga Junior, Lopes Fernando, 2015, p. 69). Por conta disso, os cidadãos tinham voz ativa dentro da sociedade, podendo sempre opinar nas decisões sociais tomadas. Por conta disso, há uma discussão agora, não voltada a busca pelo arché, não é o princípio do cosmos que agora sobe ao palco da reflexão filosófica, mas sim o princípio do verdadeiro conhecimento e a busca pelo homem virtuoso. O discurso tomou agora uma direção mais reta a razão.

Agora surgirá o questionamento que perdura até os dias de hoje dentro da sociedade, **o que é o homem social?** Este período é classificado como período antropológico, trazendo o homem ao centro da discussão, porém, o homem grego. **Os Sofistas e Sócrates**, pensadores que veremos mais abaixo, vão começar esta reflexão, dialogando de como deve ser o homem social, virtuoso e político. No meio de toda essa discussão estão os jovens, alvos dos pensadores, pois ambos viam que tinham a necessidade de instruir o jovem para viver dentro da sociedade, e para ter esta qualidade, lhe era necessário deter certos conhecimentos básicos, como exemplo a oratória. Neste momento a filosofia passa a ter sua área pedagógica e início na formação do homem.

Os Sofistas, termo que pode ser traduzido como “professor do saber” (Reale; Antiseri, 2003, p. 73).

Essa necessidade de saber se expressar bem, aliada à importância que o indivíduo obteve nesse momento da história da Grécia – como senhor do seu próprio destino -, por conta desse campo de atividade que podia gerar lucros para aqueles que se expressam de maneira convincente nas assembleias, favoreceu o surgimento de um grupo de pessoas que se proclamaram sofistas.

(Braga Junior, Lopes Fernando, 2015, p. 123).

Veremos historicamente que os sofistas, de uma maneira vulgar de se dizer, vendiam conhecimento. Eles eram pessoas de grandes habilidades de oratória e persuasão, por conta disto eram contratados para falar nas ágoras, porém, eles não eram limitados a isto, exerciam um trabalho educacional também, pois estes ensinavam os jovens. Os sofistas sofreram muitas críticas, pelos filósofos, por conta destes ensinamentos, pois, em meio as suas lições, ensinavam que o relativismo do saber e da razão, por conta disto, os sofistas passaram a ser visto com maus olhos, tendo o termo sofista mudado para algo negativo, significando “homem que se utiliza de argumentos aparentemente racionais para enganar as pessoas” (Braga Junior, Lopes Fernando, 2015, p. 16). Porém, mesmo com as árduas críticas e suas atitudes duvidosas, eles foram aqueles que iniciaram o período antropológico da filosofia, período este que continuará nos pensamentos de um homem chamado Sócrates.

Sócrates, também chamado de pai da filosofia, nasceu em 470 a.C. e faleceu em 399 a.C. Considerado o maior pensador da Filosofia, por conta disto até ganhou a alcunha de “pai da filosofia”, traz em seu trabalho uma grande carga pedagógica, esta que também será um dos motivos aos quais levou a morte do filósofo.

O pensador desenvolveu a maiêutica, método filosófico baseado em duas etapas, ironia e a maiêutica em si. Seu método vem por conta do trabalho de sua mãe, esta que era parteira, disto vem o nome maiêutica, arte do parto. Sócrates via a necessidade de mostra ao homem que enquanto o mesmo ficar preso ao conhecimento padrão dado a ele, e a sensação que não mais o que aprender, o mesmo nunca saberá nada, o começo do verdadeiro conhecimento é entender que nada sabe, esta foi reflexão que gerou a tão famosa frase “**Só sei que nada sei**”. Dita pelo mesmo.

Sócrates, ao discutir com os sábios ou os jovens, sempre tinha por objetivo desestruturar o pensamento da pessoa, querendo tira-la da zona de conforto do conformismo pessoal, tenta “parir” nela a reflexão pessoal, e posteriormente a social, gerando o verdadeiro conhecimento, este que vem da iniciativa que não sabemos nada, que necessitamos pensar e refletir sobre as decisões e pensamentos a nossa volta. Cabe ressaltar que Sócrates era contra o relativismo, ele ensinava o dever e a necessidade de se alcançar um claro e objetivo conhecimento baseado na razão.

Com isto terminamos o período antropológico, como podemos ver, neste momento a filosofia passa a ter um caráter pedagógico, influenciador, dentro da educação e formação dos jovens. Através dela os pensadores buscam criar o verdadeiro conhecimento nos jovens, este conhecimento que pode ser chamado de filosófico ou reflexivo.

3.1.3 Período Sistemático

Este momento tem agora uma grande lógica e razão envolvidos, os filósofos vão buscar sistematizar os pensamentos das reflexões anteriores, tendo como objetivo, provar que todo objetivo existente pode ser estudado pela filosofia, por meio de critérios de verdades validadas universalmente.

Veremos que agora a filosofia agora terá uma arte pedagógico, científico e político, sempre pensado no meio social em que está localizada, buscando encaixar o homem dentro da sociedade, e pensando em maneiras de desenvolvê-lo, buscando entender o que é o homem social e o conhecimento. Como objetos de análise deste período, não tem como não conversarmos sobre Platão e Aristóteles.

Platão, o filósofo das ideias, 428 a.C. a 348 a.C. Nascido em Atenas, teve sua influência filosófica, primeiramente, em Crátilo e os pensamentos de Heráclito, logo após se juntou ao grupo de Sócrates, onde, pelas ideias do

filósofo, criou sua maior reflexão, **o mundo das ideias**, esta que seria a verdadeira imagem do mundo, pois, habita nas ideias, delas surgem os objetos, e nós o construímos no mundo material, sendo assim o nosso mundo um reflexo da verdade, **as ideias**.

Em sua tão famosa **A alegoria da caverna**, retratada em seu livro, **A Republica**, o filósofo descreve, através do mito, sua concepção de verdade, de virtude e de homem virtuoso.

A verdade é aquilo que não vemos, nossos olhos matérias não podem alcança-la, somente a nossa psiché, alma, pode alcança-la, pois ela habita no mundo das ideias, é importante entender que para os filósofos gregos, a alma e a mente são respectivamente um só, pois são eles que nos separam dos animais, nos fazendo ter a capacidade de real e racional.

Entendendo a verdade, compreendemos que há então um dualismo, alma e corpo, sendo a alma superior. Para Platão, o corpo é uma prisão para a alma, que deseja se libertar e ir até o mundo das ideias, e assim alcançar o Logos, razão universal que rege tudo, na filosofia platônica trata também como Demiurgo. A virtude então seria essa libertação da alma do corpo, podendo ela atingir o bem, fazendo o homem agir bem, e um homem virtuoso é aquele que libera a alma do corpo, ou seja, aquele que busca entender e viver as ideias, o filósofo.

O Filósofo possui também uma ideia de Estado, este que teria sua população dividida de acordo com sua alma, a alma de ouro é a do regente, este que é aquele que nasce com a virtude, pois a mesma não pode ser ensinada, sendo assim o mais apto a reger a cidade, a alma de prata é a dos guardiões, estes dotados de coragem, protegem a cidade, e por fim a alma e bronze, portada pelos artesões, são aqueles que cuidariam do comércio da cidade.

Você pode se perguntar o porquê é necessário esta compreensão de Platão, bem, para que ela se encaixa de forma adequada a nosso tema, precisamos entender somente mais uma coisa, a concepção de iminência de Platão, pois para ele, as ideias são inatas no corpo, já nascemos com ela, sendo assim o processo de aprendizagem é um processo de lembrar aquilo que já sabemos, esse é o caráter educacional da filosofia de Platão, despertar no jovem as ideias inatas, pelo qual ele já nasce.

Em resumo, o trabalho da filosofia educacional de Platão é a de fazer com que o homem desperto seu conhecimento interior, podendo assim exercer com excelência seu dever dentro da sociedade.

Entendo um pouco sobre Platão passemos agora a seu discípulo.

Aristóteles, nascido na Macedônia em 367 a.C. ou 366 a.C. e faleceu em 322 a. C. na Grécia, este escolheu aprender com Platão, por conta disto ingresso na Academia, escola de Platão, lá se deparou com suas teorias e as estudou, após 20 anos estudando com Platão, o mesmo veio a falecer, e não podendo cuidar da escola de seu mestre, por não ser ateniense, mudou-se para a Ásia

Menor, local onde foi convidado, pelo rei Felipe II da Macedônia, a ensinar seu filho, Alexandre Magno, que posteriormente seria conhecido com Alexandre o Grande. Após seu aluno assumir o trono de seu pai, o filósofo voltou para Atenas, e lá fundou sua escola, o Liceu, e com isso propagou sua filosofia, com forte caráter nas ciências naturais.

O autor foi o ponto em que tudo antes aprendido se encontrou, e foi sistematizado pelo mesmo, desde a biologia até a metafísica, este período detém o nome sistemático por conta do árduo trabalho de Aristóteles. Mas o autor não ficou somente conhecido por usar o que antes fora pensado, mas que, utilizando do passado histórico das ciências e da filosofia formulou uma das correntes filosóficas mais firmes, que mesmo com inúmeras críticas com o passar do tempo, até hoje nos traz grandes acréscimos, como no campo da política, ética, educação e principalmente filosofia.

Para este momento é importante percebemos certos pontos específicos deste pensador, e um deles é que, para Aristóteles o pensamento de mundo das ideias não cabe, sua filosofia vem com um forte teor racionalista, baseado naquilo que vemos e vivemos, trazendo à tona, como essência do homem, seu convívio com o outro e com a natureza, afirmando assim que o homem é um ser social, e que precisa viver assim para alcançar a felicidade.

Uma de suas afirmações mais importantes é a do finalidade das ações, o estagirita, pois o mesmo nasceu na cidade de Estagira, afirma que toda ação humana tende a ser realizada premeditando um fim esperado, toda ação essa que deve ser racional, espera que ao fim receba a felicidade, sendo assim o homem de acordo com o qual sabe que se sentirá, ou buscando sentir-se feliz.

A virtude, em uma tradução mais ampla e baseada nos filósofos antigos, tem como finalidade a excelência da ação, como nos diz Braga, Antônio, 2016, p.75. Sendo assim para Aristóteles não seria diferente, a virtude é alcançar, dentro da atitude moral e racional, sendo esta equilibrada, sem extremos, alcançar a excelência final em suas atitudes e decisões. Com isso entendemos que o homem virtuoso é aquele que alcança o equilíbrio da razão e o fim das coisas, sendo assim alguém “feliz”.

Por fim, entendemos que o homem virtuoso e feliz é aquele que alcança uma vida social harmoniosa e virtuosa. Ao contrário de seu mestre, o estagirita acredita que a virtude pode ser ensinada, e não é algo inato no homem, sendo assim podendo ser alcançada através da educação, tendo o ensino o dever de tornar os jovens em futuros homens racionais e virtuoso, aqueles que podem viver dentro da sociedade.

3.1.4 Período Helênico

Agora estamos na época helênica. Para entendermos essa época nos cabe saber o que é helenismo. Alexandre o Grande, após dominar a Grécia e

vários outras regiões, colocou dentro destas sociedades o pensamento grego, que o mesmo detinha e admirava, formando assim culturas helênicas.

Neste período surgiram escolas filosóficas excêntricas, focadas agora no convívio social, dentre elas estão **epicurismo** e **estoicismo**, estas que estudaremos um pouco a seguir.

Epicurismo, fundada por Epicuro, homem este que, através de sua simplicidade, carinho e atenção, conquistou não seguidores, mas amigos. Marcada como uma das três grandes escolas do período helenístico, junto ao estoicismo e o cinismo, tem como característica seu ensino, que era feito nos jardins, localizados nos subúrbios de Atenas. Epicuro escolhia estes lugares para fugir das correrias da cidade e sentir o sossego do campo.

Como característica principal desta escola filosófica temos o hedonismo (prazer). O epicurismo prega a autossuficiência do homem juntamente a igualdade política e social, criando assim um conceito de felicidade baseada na autossuficiência individual, pois, para Epicuro para alcançarmos a felicidade temos que fugir das dores e perturbações da vida, somente assim tendo um vida plena e feliz, com isso entendemos que o homem virtuoso é aquele que alcança a ataraxia (imperturbabilidade da alma) e a autarquia (habilidade de governar a si próprio).

É importante entendermos que o hedonismo epicurista não é uma busca animalésca por reles prazeres satisfatórios, estes prazeres têm classificação:

1. Os naturais e necessários; buscar através da ataraxia;
2. Os naturais e desnecessários; buscar com autarquia;
3. Não naturais e desnecessários; evitar em vista da ataraxia.

(Braga Junior, Antônio Djalma, 2016, p. 82.83)

Sendo assim apenas os primeiros necessários para se viver, os demais se baseiam em desejos além das necessidades, não sendo prioridades.

Vamos agora ao **estoicismo**, escola fundada por Zenão. Em certos pontos compartilhou ideias com os epicuristas, tal qual a filosofia como a arte de viver. Esta escola teve um filosofia muito rica, por conta disto, perdurou por muito tempo, até dentro da filosofia medieval, um dos motivos para isto foi o seu conceito de razão universal, toda filosofia grega busca pautar sua tese baseada na racionalidade humana, porém os estoicos, colocaram um patamar acima, dizendo que tudo que existe esta sujeito a uma razão universal o Logos, sendo assim cabe ao homem apenas viver e aceitar que este Logos rege tudo o que acontece.

O Logos não é algo que vem para tornar o homem alienado, aceitando tudo, até porque o estoicismo nos diz que há dois tipos de ações, as que dependem de nós e as que não dependem. Este foi um pensamento para que o individuo entenda que tudo acontece por um motivo maior no qual não esta sobre o seu comando, sendo assim, ao entender que o mesmo não é o dono, mas um agente, há a necessidade de se buscar o conhecimento para viver de acordo

com o Logos, tornando o homem assim em alguém sábio, com inteligência e boa conduta.

O estoicismo também prega a ataraxia, a classificando como a virtude plena, pois o homem que vive, buscando o conhecimento e entendendo que há uma razão por traz de todas as coisas, não vive perturbado com o amanhã, mas vive o hoje sabiamente, e para alcançar este patamar, há uma necessidade de abrir mão das paixões, vivendo um estado de apatia, com indiferença aos acontecimentos que não estão sobre seu controle.

3.2 Filosofia Medieval

Período este sem uma determinada data de início, pois houveram muitos acontecimentos nos quais são citados como o ponto de partida, tais como: “330 d.C. (liberdade de culto aos cristãos), 392 a. C. (oficialização do Cristianismo), em 476 (deposição do ultimo imperador romano) e em 698 (conquista mulçumana de Cartago).” (Franco Júnior, Hilário 1948 – A Idade Média, nascimento do ocidente, 2006, p. 14)

Bem, mesmo com todos estes fatos é inegável que a característica de período é o cristianismo, este que ao se juntar ao império romano, tomou proporções imensuráveis, adentrando em todos as áreas sociais da época, e com a filosofia não foi diferente, ela agora é uma apoiadora da teologia, sendo a razão um apoio a fé, no começo, o pensamento filosófico era visto como herege, porém com a conversão de filósofos e os estudos de padres e bispos, a filosofia passou a ser parte fundamental do desenvolvimento de conhecimento a respeito de Deus.

Com isto surgiram duas escolas, a escolástica e a patrística, de pensamento, e junto a ela dois grandes pensadores, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, e serão estes que veremos mais à frente.

A patrística é uma escola que se encontra entre os séculos IV e VII d.C. Momento este onde se iniciou os dogmas cristãos, dentro dela, havia como desenvolvedores de filosofia os padres, bispos, entre outros pensadores da Igreja, cabe destacar que nem todos eram sacerdotes cristãos. Neste sistema filosófico encontraremos **Agostinho de Hipona**, ou como conhecido pela igreja, **Santo Agostinho** (354 d.C. – 430 d. C.).

Agostinho era bispo da igreja cristã, por conta disto, sua filosofia, assim como a maioria no tempo medieval, era misturada a teologia, pois, naquele momento, a razão deveria ser utilizada como apoio a fé, porém a segunda era superior a primeira. O filósofo utilizou-se das obras de Platão, fazendo uma releitura do antigo, dando uma cristianização para as suas obras, pode-se dizer que Agostinho foi a reentrada da filosofia platônica no mundo ocidental, assim como Tomás de Aquino foi a porta para Aristóteles, porém deste falaremos depois.

Algo muito importante, e que há de ser ressaltado no decorrer de todas as apresentações, é o conceito de homem virtuoso e ética, como vimos já nos filósofos anteriores, pois, a ética nada mais é do que a reflexão da conduta ideal que o homem virtuoso deve tomar, por conta disto a ética passa por varias interpretações. Sendo assim, ao escrever sobre moral, tal filósofo tenta criar uma formação, ou pedagogia, para o desenvolvimento social da criança, para que este se torne alguém virtuoso.

O bispo Agostinho criou sua concepção de ética baseada na fé cristã, sendo assim, uma pessoa ética é aquela que vive em santidade, conforme os parâmetros estabelecidos por Deus, podendo assim exercer boas condutas. Por conta do primeiro pecado, cometido por Adão, o homem conheceu o bem e o meu, tendo assim o livre-arbítrio para escolher como agir, por conta disto, aquele que se santifica, realiza o bem, exercendo fé e se aproximando da graça de Deus.

Veremos a seguir Tomás de Aquino, porém sua ideia de ética não ira se diferenciar tanto da de Agostinho, pois, naquela época, com a forte influência do Cristianismo, a filosofia, juntamente as reflexões em todas as áreas, deveram se apoiar na concepção de aproximação a vontade e graça de Deus.

O período escolástico recebeu este nome por conta da forma de como se transmitia o conhecimento, nas escolas da época. Dentro deste momento temos agora um dos principais pensadores medievais, **Tomás de Aquino** (1225 d.C. – 1323 d.C.), este que se apoiou nos escritos aristotélicos na formação de sua filosofia-teológica.

Tomás trazia uma grande carga racional dentro de seus escritos, pois, para o autor, a razão é ajudadora da fé, nosso Deus é racional, então para entendermos a Ele, precisamos ser racionais, porém, a fé é superior, caso ambas se contradizem, a fé permanece acima da razão, sendo assim a segunda deve ser reavaliada.

A ética tomista se baseia na fé como principio das ações, sendo assim, uma ação para ser ética e moralmente boa, necessita ser uma ação baseada na ação virtuosa da verdade revelada. Conceito este baseado de que o homem sozinho não pode alcançar o verdadeiro bem, porém Deus lhe deu inteligência para alcançar esta verdade e pratica-la.

A principal diferença entre Agostinho e Tomás é que a graça divina, para o primeiro, é somente para os escolhidos, já para o segundo, esta pode ser alcançada, pois Deus deu a mesma capacidade a todos.

Antes de passarmos ao período moderno da filosofia, onde a razão ganhará superior destaque e a fé perderá sua força imposta, precisamos entender que até aqui, e também durante certa parte do período moderno, a criança é vista como um pequeno adulto, não há aquele louvor a infância, onde a mesma deve brincar e se desenvolver naturalmente, pelo contrário, aqui ela já irá exercer trabalhos, que hoje consideramos, para adultos realizarem, por conta desta falta de louvar a infância, vemos que os pensamentos são realizados e

focalizados para os adultos, tendo a filosofia como uma matéria que apenas adultos, altas classes e instituições religiosas podem praticar, tendo em vista o período antigo e medieval.

3.3 Filosofia Moderna

Temos agora o período moderno da sociedade, juntamente a ele a filosofia moderna. Este momento tem como data de início a queda de Constantinopla pelo império turco-otomano, por volta de 1453, e seu fim com a Revolução Francesa, de 1789.

Agora, não temos mais como foco principal a transformação do homem e sua adaptação na área espiritual, mas sim, estudos que olham o homem como um ser natural e social. Muitos filósofos tentam tratar esta relação do homem natural dentro da sociedade, desenvolvendo assim teorias sobre a natureza, como Rousseau, e política, como Maquiavel.

Mas o que levou a estes pensamentos?

Podemos dizer que o movimento que levou a isto foi o Renascimento, que unido ao novo sistema político, absolutismo monárquico, que veio se desenvolvendo com a desintegração dos feudos. O renascentismo é uma nova entrada da filosofia antiga no meio moderno. Buscava-se, agora, entender o homem com um ser autônomo, sem a dependência de um ente superior, mas capaz de tomar suas decisões éticas e morais sozinho, sendo assim a própria mente do homem o seu limitador pessoal, o dizendo o que é moral e imoral.

Juntamente a isto, surgiu também o movimento iluminista, este que pregava a liberdade, valorização do indivíduo juntamente a propriedade privada e a tolerância religiosa. Este pensamento trazia em si uma crítica ao absolutismo monárquico, um sistema injusto e desequilibrado.

Claro que não podemos nos esquecer que, com a queda dos feudos, surgiu o sistema de vassalagem, um vassalo trabalha para o suserano, e ocasionalmente, por conta das guerras travadas, a perda de muitas regiões agrícolas, sentindo essa necessidade, as navegações ganharam força, junto a troca, compra e venda com outros países, surgindo assim o capitalismo

Sem sombra de dúvidas houveram inúmeras mudanças sociais, éticas, políticas, filosóficas etc. Com essas mudanças, surgiu uma necessidade de debate sobre o homem, sobre seu direito natural e político. Cabe ressaltarmos que agora a palavra ética volta aos seus primórdios gregos, onde seu objetivo é a busca por felicidade e satisfação própria do homem, e este pensamento será trazido dentro da filosofia política desenvolvida neste período.

Vamos agora ver um pouco sobre essas teorias, primeiro a de **Nicolau Maquiavel** (1469–1527), e sua teoria política, com seu texto tão polêmico, o **Príncipe** (1513), esta é uma obra muito rica e extensa, mas cabe ressaltar

alguns pontos importantes de como se formou essa concepção de governante ideal para o autor.

O Príncipe seria um manual de como um bom líder deve ser, primeiramente o mesmo não deve ser bom nem mal, mas equilibrado, deve gerar o medo nos adversários, pois o medo gera respeito, e amizade com seus subordinados, um bom governante não deve temer usar a força, ressalva que somente quando necessários, caso contrário, não, e o mesmo deve carregar a virtude do equilíbrio, como dito no início, da maldade e da piedade, sendo assim alguém que é portador de virtù, qualidade que o colocaram e o mantém no poder.

Vemos nesta rápida resenha sobre a obra de Maquiavel, que seu foco é dar forma a um governante virtuoso, dotado de ética e moral, no qual age de forma a qual seu governo seja beneficiado, olhando não o bem pessoal, mas coletivo, e para isto, há a necessidade de equilíbrio. O mais marcante da obra deste autor é que o mesmo usa política para justificar política.

Agora trataremos da obra de **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778), filósofo este que também tratara fortemente de política, mas também escreverá sobre o homem natural, este que é bom, mas ao entrar em contato com a sociedade se corrompe.

Deste autor podemos destacar as obras **O contrato social** (1752) e **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens** (1754), ambas as obras são de intensa importância para a concepção moderna de homem e de direito natural, estes direitos que fazem parte do motor da **Revolução Francesa** (1789).

Primeiramente, no **O contrato social**, o autor retrata que o homem bom é o natural, porém, por necessidade, realiza um contrato social, e adentra a uma sociedade, mas, alguns direitos lhes devem ser permanecidos dentro desta sociedade, direitos estes que fazem do homem alguém livre, sendo assim o dever do Estado deve ser a da “vontade geral”, “a valorização da vontade do povo para que o Estado pudesse promover a igualdade jurídica necessária, que levaria à justiça” (Ferreira, Fábio, 2015, p. 24).

Na segunda obra, Rousseau fala de como o homem, ao realizar o contrato social acaba se corrompendo, ao contrário se continuasse na vida natural, lá onde realmente era bom.

Com isto terminamos a parte moderna, vemos o caráter político e sociológico desta época e pensamento. Estas ideias contribuíram para o acontecimento de três fatores que nos levam ao período contemporâneo, estes são: Revolução Inglesa (1640), Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789), esta que dá o início para o período contemporâneo.

3.4 Filosofia Contemporânea

Chegamos agora no último período histórico, ou seja, o nosso, a idade contemporânea tem seu início marcada pelo começo da Revolução Francesa em 1789, e com isto, um total desprendimento do pensamento medieval, ainda influente no período moderno. Agora, temos um foco filosófico muito grande, assim como na antiguidade, na formação do homem político.

Nesta parte passaremos rapidamente por dois pensadores que marcaram a nossa atual estrutura filosofia de homem, primeiramente **Friedrich Nietzsche** (1844-1900), este pensador trás a ruptura total da religiosidade, principalmente a cristã, com a moral social, para ele, um homem criado dentro desta doutrina, do “além do homem”, passa a ser um rebanho, um homem-rebanho, dependente, fraco e com medo de viver, se agarrando a pensamentos alheios e sem força própria.

Por conta disto, Nietzsche nos diz para aprendermos com os gregos, pois estes viviam com a verdadeira ética, ou seja, aceitavam os impulsos naturais, e vivem com eles. Nas palavras do autor: “O homem trágico como o homem nomeado para ser professor dos homens. A formação e a educação não devem tomar como norma o talento mediano para o Éthos e o intelecto, mas justamente as naturezas trágicas” (Nietzsche, citado por Braga Junior, Antonio Djalma, 2016, p. 152)

O homem trágico é o grego, este que devem ser nossos professores sobre viver, o talento mediano é a crença do “além do homem”, algo como o céu, e por fim as naturezas trágicas que seriam a verdadeira natureza do homem, que não podem ser negadas, caso isso ocorra o homem não é mais homem, mas sim um rebanho.

Veremos agora **Jean-Paul Sartre** (1905-1980), este autor tem sua teoria baseada no existencialismo: “Pode ser compreendido como um conjunto de reflexões que busca na existência humana a base para toda e qualquer formação teórica” (Braga Junior, 2016, p. 166)

A grosso modo, a concepção ética deste autor se baseia no conceito de livre, mostrando que alguém ético é também livre, porém, o conceito de livre, não é o de andar livremente, mas sim o de entender que não vivemos isolados, vivemos dentro de uma sociedade, na qual outras pessoas também estão incluídas, sendo assim, fazem parte da minha realidade, sendo assim, preciso tomar ações, mentalmente me projetando no lugar de outrem, e refletindo se minha ação pode acabar adentrando a liberdade do outro.

Sendo assim, as leis morais e éticas devem ser baseadas no pressuposto de que a minha liberdade não deve adentrar no campo de outrem.

Com isto finalizamos este rápido resumo dos períodos da filosofia e seus estilos de pensamento, é de muita importância entender que tudo escrito aqui, não passa de 1% de tudo o que esses períodos e autores escreveram, suas obras são muito mais amplas, envolvem muitos outros assuntos, que até hoje nos influenciam.

4. Filosofia na Escola

Negar o caráter pedagógico da filosofia é negar a própria essência da filosofia, tido como não aquela que detém todas as respostas, pelo contrário, devemos ver a filosofia como o começo de todas as questões, reflexões. Desvincular estes dois será o mesmo que tentar remar com apenas um remo, não sairá do lugar.

Desde seus primórdios esta matéria vem passando por todas as áreas do saber humano, desde ciências, religião, política, ética, entre outros. Podemos chamar a filosofia de “a matéria que estuda as matérias” (Matthew, Lipman, 1990).

Por conta disto há uma necessidade de ter a filosofia em uma grade de matérias mais ampla, não a restringindo aqueles de maior faixa etária, mas, também aos mais jovens, assim como vimos nas teorias anteriores, de Jean Piaget e Erik Erikson, o desenvolvimento cognitivo, focado no criar pensamentos, temo como seu ponto de partida aos 12/13 anos. Em tal idade, as crianças, já se encontram aptas a para exercer a função do pensamento reflexivo, veremos na própria obra de Lipman, **A Filosofia vai à Escola**, esta afirmação, e mais, o autor, como professor, realizada este processo dentro da sala de aula.

Porém, para que possamos colocar a filosofia nas salas de aula, precisamos ter uma educação que aceita a filosofia, juntamente a professores que realmente ensinem, não somente a história da filosofia, mas a pensar filosoficamente. A educação tem, a primeira vista, um aspecto no qual a mesma serve para transformar crianças em seres sociais, e isto tem sim sua verdade, negar a socialidade da escola é impossível, porém a mesma não deve criar humanos socialmente doutrináveis, caso contrário, qualquer um terá influencia em sua mente, tem-se a necessidade de se criar alunos críticos, entendendo crítico como reflexivo. Este deve ser o objetivo da nossa educação atual, através do ensino do real, criar alunos prontos para pensar.

Esta é, então, a passagem estreita entre Cila e Caribde, entre doutrinação autoritária e relativismo insensato: estimular as crianças a pensar, desenvolver suas habilidades cognitivas para que raciocinem bem, envolve-las em diálogos disciplinados para que raciocinem juntas, desafia-las a pensar sobre conceitos significantes da tradição filosófica e ainda desenvolver sua capacidade de pensarem por si mesmas para que possam pensar racional e responsavelmente quando confrontados com problemas morais.

(Matthew Lipman, 1990, p. 102)

Não como escapar do objetivo da escola, esta que caminha no pequeno fio do autoritarismo e relativismo, ensinar o aluno a andar pelo caminho correto, o do pensamento reflexivo.

Conversaremos um pouco mais sobre cada um destes pensamentos.

5. Pensamento Crítico/Reflexivo x Pensamento Mecanizado/Formulado

É importante entender que ambos tipos de pensamento são reais, são aplicados no nosso meio educacional e tem sua importância, tendo os mesmos de serem passados aos alunos, porém caso um dos dois seja levado ao extremo, caímos na desigualdade no qual Matthew nos fala, que é o autoritarismo, excesso do mecanizado, ou o relativismo, tratado neste texto como solipsismo, o excesso de reflexão. Por conta disto, nos cabe conversar um pouco sobre cada um, separadamente, a seguir.

5.1 Pensamento Crítico/Reflexivo

Neste ponto trataremos do primeiro desenvolvimento educacional no qual, é de extrema importância que nossa educação seja focada, o de criar seres que pensam e refletem em suas ações, que tem a capacidade de criticarem a si mesmos, de acordo com atitudes tomadas, escolhas feitas, e opções deixadas para trás.

Porém, vamos discorrer um pouco mais sobre este tipo de pensamento, nos baseando principalmente no ramo da filosofia no qual a pedagogia é mais forte, esta que seria no caráter instrutivo.

Pois bem, é importante que pensemos o pensamento crítico, e reflexivo como um só, o crítico como aquele que cobra a objetividade de suas ações, o reflexivo como aquele que reflete sobre o caminho para este fim, sendo assim, poderemos ver este tipo de desenvolvimento como **“uma reflexão pessoal no qual podemos alcançar um objetivo concreto”**.

Para se alcançar algo concreto, real, tem-se a necessidade de se conhecer tal coisa, não tanto fisicamente, porém mentalmente, coisa precisa de uma forma mental, quase como esboço 3D, e neste momento entra a educação.

Como falamos um pouco mais acima, no tópico anterior, a educação tem um caráter social muito grande, pois, é na escola onde há uma primeira experiência no qual a criança irá se chocar com a cultura-social de seu meio de convívio.

Falar principalmente em educação e estrutura pedagógica das escolas não é o nosso foco neste pequeno texto, mas sim entender como a influência gerada dentro desta afeta a mentalidade da criança, positiva ou negativamente.

Mas até aqui você deve se perguntar, o que a filosofia tem haver como todo esta resenha aqui feito, pois bem, tem tudo, pois, entendendo a escola/educação como aquela que pode formar um ser crítico-reflexivo, caso

dentro deste meio educacional não haja um momento em que os alunos possam discutir pensamentos, ideias e pensamentos sobre aquilo que lhes é passado, e tenham apenas que aceitar aquilo que seus professores lhes ensinam como a verdade imutável, não estaremos mostrando aos jovens que há sempre um outro meio de se pensar algo, neste momento vemos a importância que a filosofia tem neste tipo de mentalidade, sem a reflexão sobre o meio em que vivemos, as escolhas tomadas, não passamos de máquinas feitas para alcançar o objetivo alheio. A filosofia é a chave no qual podemos nos libertar da alienação imposta pela falta de conhecimento crítico no qual somos tão agarrados.

Negar o conhecimento reflexivo é o mesmo que negar a autonomia, temos como um grande exemplo deste tipo de pensamento com Platão, quando nos escreve o Mito da Caverna, retratando como o pensamento forçado, embasado em nada além daquilo que se ouviu de outra pessoa e tomado como real, nos aprisiona dentro de uma caverna intelectual no qual não entendemos o real, mas apenas sombras.

A filosofia deve ser vista, não somente, como um aparato histórico de vários homens que pensaram fora de sua época, e que hoje exercem grande influência em nossos sistemas sociais, é sim importante ter este tipo de entendimento, a história da filosofia é rica, e necessita ser ensinada, porém, cabe não somente a nós criarmos historiadores da filosofia, mais trazer a tona novos filósofos, aqueles que são “fora da caixinha”, fora do quadrado social colocado por falta do verdadeiro pensamento reflexivo.

Por conta disto, vemos a necessidade, não de sem ensinar a filosofia somente a adolescentes, ou aqueles que escolheram um curso de filosofia, é de importância que uma criança, assim que já tenha um certo grau de desenvolvimento cognitivo alto, possa começar a aprender a filosofar, através do ensinamento da história da filosofia, pois, o que nos encanta na história, não são as personagens que nos apresentam, mas sim o sentimento de que existe algo mais, além daquilo que me falam, e eu posso alcançar, esse é o espírito que a filosofia no trás, pode parecer somente poesia o contos, porém a filosofia é o perfeito casamento do real e o irreal baseado na reflexão.

De acordo com Jean Piaget e Erik Erikson, escritores estes escolhidos por conta de como suas teorias nos apresentam o mesmo objetivo, porém de ângulos diferentes, o primeiro nos apresenta como o desenvolvimento interno da criança se junta ao externo, e o segundo nos apresenta o inverso, o exterior influenciando no interior, entendendo assim que é um processo mútuo, que ambos se fazem juntos. Neste processo nos é apresentado que o momento de choque pessoal deste encontro se faz por volta dos 12 à 13 anos, ora, sendo assim, qual melhor momento se não este para trazermos aos nossos jovens o pensamento filosófico, a reflexão, pois caso isto ocorra demoradamente, ou pior, não ocorra, teremos um geração que não sabe o que quer ou esperar do futuro, que não entende o presente e não conhece o passado. Toda uma grade de matérias deve ser montada baseada em apresentar o passado, olhar o presente e sonhar com o futuro, e tudo isto se baseia em refletir, por conta disto, neste

meio educacional, tem sim uma grande necessidade de a filosofia estar neste meio.

5.1.1 Pensamento Solipsista/Relativismo

Primeiramente precisamos estabelecer o conceito de Solipsismo, vem do latim solu “só”, + ipse “mesmo”, + ismo, é uma corrente de pensamento onde se caracteriza pela concepção de experiência pessoal, sendo apenas a experiência privada de uma pessoa a verdadeira, as demais se classificam como ilusórias, ou participantes do pensamento daquele ente específico. Isto é apenas um rápido resumo, pois tal corrente é muito ampla e com diversas ramificações.

Neste ponto devemos entender o solipsismo como um relativismo extremo, pois entendemos o algo relativo como algo que tem uma relação com outra, sendo assim algo que pode variar, porém se isto é levado ao extremo, tem-se o perigo de tudo cair no relativismo, sendo até mesmo o real, o ético, posto como senso comum, e isto pode gerar um conflito cultural e social dentro da própria cultura e sociedade local, por conta disto, há uma necessidade deste tipo de pensamento se combatido, como nos diz Lipman, tal pensamento é um extremo, e a educação não deve andar por este pensamento: “O que as escolas gostariam de descobrir seria um canal – mesmo que estreito como um fio de navalha – que as capacidades a passar entre Cila do autoritarismo e a Caribde do relativismo vazio.” (Matthew, Lipman, 1990, p. 93)

De acordo com o autor, este relativismo é algo que vem a tirar o aluno do real e a coloca-lo em um estado mental no qual não há desenvolvimento, mudança, evolução, o mesmo nega o real para se apegar aquilo que em sua concepção de mundo e experiência é o real.

Este é um combate que a filosofia enfrenta a muito tempo, desde Sócrates, o filósofo já discutia com os Sofistas, pois, os mesmos ensinavam aos jovens o relativismo das verdades. Isto para o filósofo grego era um crime, induzir os jovens a acreditarem em uma verdade relativa, sendo que deveria haver uma verdade única, caso contrário não haveria justiça, e tudo será permitido.

Pois bem, até aqui tivemos um amparo maior sobre o conceito de solipsismo-relativo, porém cabe agora estabelecer o dever da filosofia dentro da escola, como a mesma combate isto.

Primeiramente temos que ter em mente que o solipsismo vem a ser um pensamento crítico tão extremo que deixou de ser crítico, no tópico anterior estabelecemos que o pensamento crítico é uma reflexão sobre os atos tomados para se alcançar um objetivo, e este deve ser aplicado em todas as áreas da vida, para que se possa ter uma vida “virtuosa”, pois bem, no caso aqui, é que, esta reflexão acaba por ser tão intensa que acabamos por colocar nosso caminho acima do caminho do outro, esquecendo social, ficando egoístas e pior, extremistas.

Neste momento entra a educação da filosofia, como lemos através dos psicanalistas, no primeiro capítulo, o egoísmo é uma etapa natural do ser humano, porém esta fase deve ser suprida pela evolução para o convívio social, sendo assim, a filosofia dentro da escola tem um grande dever de instruir os jovens a pensar reflexivamente, porém também tem o dever de limita-los aos parâmetros sociais estabelecidos pela sociedade, pois é importante que os jovens reflitam sobre tudo a sua volta.

A filosofia passa a ser um catalisador, ela vem e trás consigo um foco para as pequenas mentes, a mesma passa a ser o mundo e o limitador, caso seja aplicada de maneira correta.

Não um período de 50 minutos de cópia ou formações de questões, mas uma melhor divisão entre discussão/questionamento junto ao passear do temo entre os vários pensamentos.

Cabe a filosofia ser este parâmetro dentro da escola, ser essa linha fina no qual se refere Lipman, do caminhar entre extremos doutrinários e relativista.

5.2 Pensamento Mecanizado/Formulado

Agora entraremos é um ponto diferente, é importante ressaltar que este texto não é uma critica aos modos de pensamento, mas uma reflexão sobre seus pós e contras como ambos são importantes para uma formação educacional, como ambos podem ser prejudiciais, e como a filosofia é importante nos dois pensamentos.

Vamos, antes de tudo, estabelecer o que é o pensamento mecanizado/formulado, temos que ver este tipo de ensino como um que detém ou necessita de certa fórmula para ser aplicado, sendo assim o mesmo já possui certa fórmula para sua realização, podendo tornar seu ensino um tanto quanto mecanizado. Talvez o melhor exemplo diste tipo de matéria seja a própria matemática, pois a mesma tem em suas formulas regras que precisam ser seguidas, para que o resultado correto seja alcançado, mas a própria matemática possui grande filosofia em seu core, assim como as demais matérias, porém as exatas tem uma história muito rica com a filosofia, podemos ver grande pensadores que erma matemáticos, ora, podemos citar ninguém menos que Pitágoras de Samos (570 a.C. – 496 a.C.).

Para entender a relação destes dois pensamentos usaremos o exemplo da matemática e da filosofia, pois ambas nos dão a melhor ilustração.

A Matemática, em grosso modo, é uma matéria que se utiliza de fórmulas, sinais e regras de ordem de execução para que se alcance um objetivo desejado, como o calculo de $2+2=4$, este pequeno processo matemático detém em sai sinais, formula e ordem, que caso não sejam aplicados corretamente se perdem. Para que não ocorra a confusão é onde entra a filosofia, pois a mesma tem o

dever de trazer os números para a realidade, ela trás a aplicação dos números para o pensamento real, dando um sentido para a matemática, para que ela não seja uma confusão.

Por conta disto temos que ter em mente que, se uma criança está pronta para aprender a matemática, a mesma esta apta para aprender a filosofia também, quando se refere a matemática, não é somente os cálculos de + ou -, mas as aplicações de equações básicas e cálculos mais complexos, onde, o jovem, para que tenha um maior compreensão deste tipo de ensino, precisa saber aplica-lo ao real de sua vida, precisa ver que aquilo é real e que tem sentido se aplicado da maneira correta e hora correta.

Mais uma vez vemos como a filosofia tem a tendência a ser uma catalisadora da dificuldade de outras matérias, e dentro de si, traze-las como um reflexão, que talvez possa não ter sido achado um resposta, mas, esta reflexão em si é o real no qual a dúvida antes imaterial não estava, porém, agora inserida no real da reflexão a mesma se encontra na órbita da reflexão.

Como vemos o pensamento mecanizado é sim importante, pois, se tem a necessidade de que certas formulas sejam compreendidas, por conta disto a filosofia também é importante neste meio, pois trás o real para o abstrato.

5.2.1 Pensamento Alienado/Doutrinado

Agora chegamos a outro extremo, também discutido por Lipman, o ensino alienado/doutrinário, ou Cila, seria o tipo de ensino no qual a mecanização ficou tão forte que tudo passou a ter uma forma específica no qual não se pode sair, caso contrário será considerado errado.

Isto acaba por tirar o teor critico, reflexivo das matérias, pois se a tudo for imposto um meio de ser feito, sem alterações, sem direito a refutações, perde-se o pensamento autônomo, fazendo cm que todo o tipo de pensamento seja igual, sem inovação ou evolução, tornando os homens em maquinas industriais.

Um pensamento alienado, impossibilita o homem de entender, mas o torna dependente de uma força superior, no qual lhe fora dito, que deve lhe ser o seu protetor.

Por conta deste pensamento privativo ser tão perigoso, a filosofia passa assim a ter um caráter educacional muito maior, pois, como falamos antes, ela é simplesmente a arte de pensar. Alguém alienado não pensa por si próprio, mas se priva, dependendo sempre de um ente superior.

Veja bem, não cabe aqui uma crítica a qualquer meio econômico ou social, porém, é necessário que pensemos em como eles também vem a influenciar nosso meio educacional, pois, como conversamos acima, no tópico 3, a escola tem um fator introdutório do jovem dentro da sociedade, sendo assim, no mundo socioeconômico, por conta disto tem-se a necessidade de que a escola seja

voltada a preparar o “novo homem”, referido ao homem atual, ou homem contemporâneo.

6. Homem Crítico x Homem Alienado

Neste ponto é bem interessante usarmos o pensamento de **Friedrich Nietzsche** (1844 – 1900), sobre a concepção do homem.

Vamos nos utilizar principalmente dos princípios abordados no tópico 2, onde falamos sobre os períodos da filosofia, e o homem virtuoso de cada filósofo, este que refletia o homem ideal para cada período histórico. Da mesma maneira o pensador prussiano vem a retratar, mas, ele nos escreve não sobre o homem ideal atual, mas idealiza um homem futuro, o classificando como o super-homem, mas antes de entendermos este, precisamos compreender o outro tipo de homem, no qual pode ser classificado como o homem rebanho.

Homem rebanho, este é o tipo de homem que maior predomina dentro da sociedade, sendo este alguém teme a vida, a dor, que reprime suas essências humanas, se privando de seu estado natural e vivendo uma fantasia irreal, crendo na superioridade de um ser, ou algo transcendente. É nítido que há uma crítica religiosa do autor, porém, a mesma também é política, pois, o homem rebanho, é claramente criado pela educação alienada, pois há mesma, só tem poder, não de ensinar, mas de destruir o homem e transformar sua essência crítica em uma pessoa que aceita a doutrinação imposta a ele.

O **super-homem** nada mais é daquele que se libertou das amarras que lhe foram impostas pela doutrinação social, isto lhe permitiu ver o mundo sincero, de viver de acordo de como ele realmente é, humano, sendo assim, não abrindo mão de sua natureza, mas se adaptando socialmente com ela, este é o homem ideal de Nietzsche, liberto de falsas doutrinas. O super-homem não é um ser uma forma superior, mas sim um homem que permitiu se libertar da sua concha, liberando seu espírito a viver uma vida verdadeiramente nobre. Um homem reflexivo.

Os textos deste autor, são ricos e com muitos conceitos, esta foi uma rápida resenha sobre seu pensamento.

7. Considerações Finais

Como lemos em todo o decorrer deste trabalho, com um foco maior nos tópicos 3 e 5, uma ideia de formação de homem.

Neste rápido texto, passamos rapidamente pelos períodos da filosofia, podendo ver com destaque a ideia de virtude do homem, como que em cada período histórico a virtude se transformou, juntamente ao objetivo de estudo da

filosofia, ou talvez seja um fator inverso? Bem, não importa se foi o pensamento ou se foi a cultura a mudar primeiro, o foco é que, com esta mudança, a ideia de um homem virtuoso, que seria o ideal para aquela sociedade, que se destacaria entre os demais que continuavam presos ao período passado, era uma concepção que veio evoluindo, e em cada momento específico a filosofia tentou alcançar este homem, e até hoje tenta.

Hoje, o principal objetivo da educação é formar o homem ideal, porém, há uma grande disputa nesta formação, pois, há aqueles que querem formar um homem alienado, outro que quer formar um relativista, dois extremos, que fazem deste novo homem, na ideia de Ortega y Gasset, o homem massa, o quão perigoso isto não é?

E quem melhor para lutar contra a formação deste homem que é comandado por alguém ou algum regime, do que aquela que foi considerada, em seus primórdios, aquela que primeira rompeu com a alienação mística, a filosofia. E como tratado no tópico 5, e depois exemplificada no 6, a filosofia deve ser tratada dentro da escola com maior respeito, pois a mesma não deve ser algo restritos aqueles, cuja a maioria, já estão contaminados por esta alienação. Oras, a educação é a chave contra as correntes da ignorância, a filosofia é a arma contra a alienação, por conta disto, porque não a ensinar aos jovens?

Como mostrado em todo o texto, objetivo do autor foi demonstrar, de forma simples e rápida, como o método filosófico tem uma importância muito grande no desenvolvimento infantil, porém esta discussão ainda detém muito trabalho e pesquisa, mas neste momento, tudo que nos foi apresentado, retrata simplesmente, que, a educação da filosofia é tão essencial quanto qualquer outra.

Referências

Franco Júnior, Hilário 1948 – **A Idade Média, Nascimento do Ocidente**/ Hilário Franco Júnior. – São Paulo: Brasiliense, 2006.

Lipman, Matthew, **A Filosofia vai à Escola**/ Matthew Lipman: [tradução de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kremer]. – São Paulo: Summus, 1990.

Russ, Jacqueline, **Filosofia: Os Autores, as Obras**/ Jacqueline Russ; com a colaboração de Frnce Farago; tradução de Guilherme de Freitas Teixeira. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

Braga Junior, Antonio Djalma, **Fundamentos da Ética**/ Antonio Djalma Braga Junior, Ivan Luiz Monteiro, Curitiba: InterSaber, 2016.

Braga Junior, Antonio Djalma, **Introdução à Filosofia Antiga**/ Antonio Djalma Braga Junior, Luís Fernando Lopes, Curitiba: InterSaber, 2015.

Freire, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**/ Paulo Freire - 55ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

Almeida, Antonio Charles Santiago, **Filosofia Política**/ Antonio Charles Almeida. Curitiba: InterSaber, 2015.

Veríssimo Ramiro, **Desenvolvimento Psicossocial (Erik Erikson)**. Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002, 1ª ed.

Porto Ivanila, cita o trabalho de Ferreira, Berta Weil; Ries, Bruno Edgar. **Psicologia e Educação: Desenvolvimento humano – infância**. 3ª ed. Porto Alegre: Edicucrs, 2002.

Nogueira, Makeliny Oliveira Gones, **Terias da Aprendizagem: Um Encontro Entre os Pensadores Filosóficos, Pedagógico e Psicológico**/ Makeliny Oliveira Gomes Nogueira, Daniela Leal 2 ed. Curitiba: InterSaber, 2015.